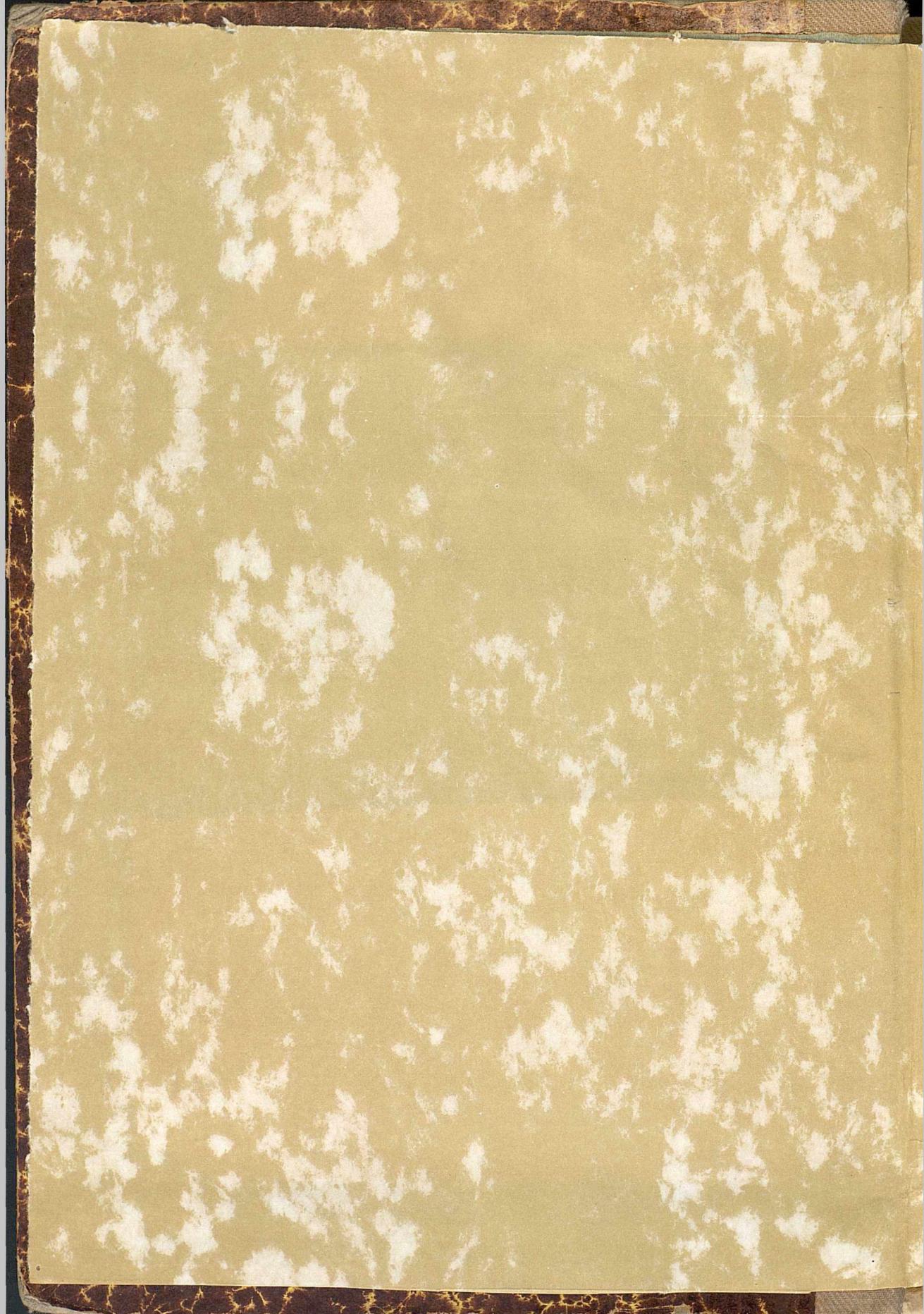


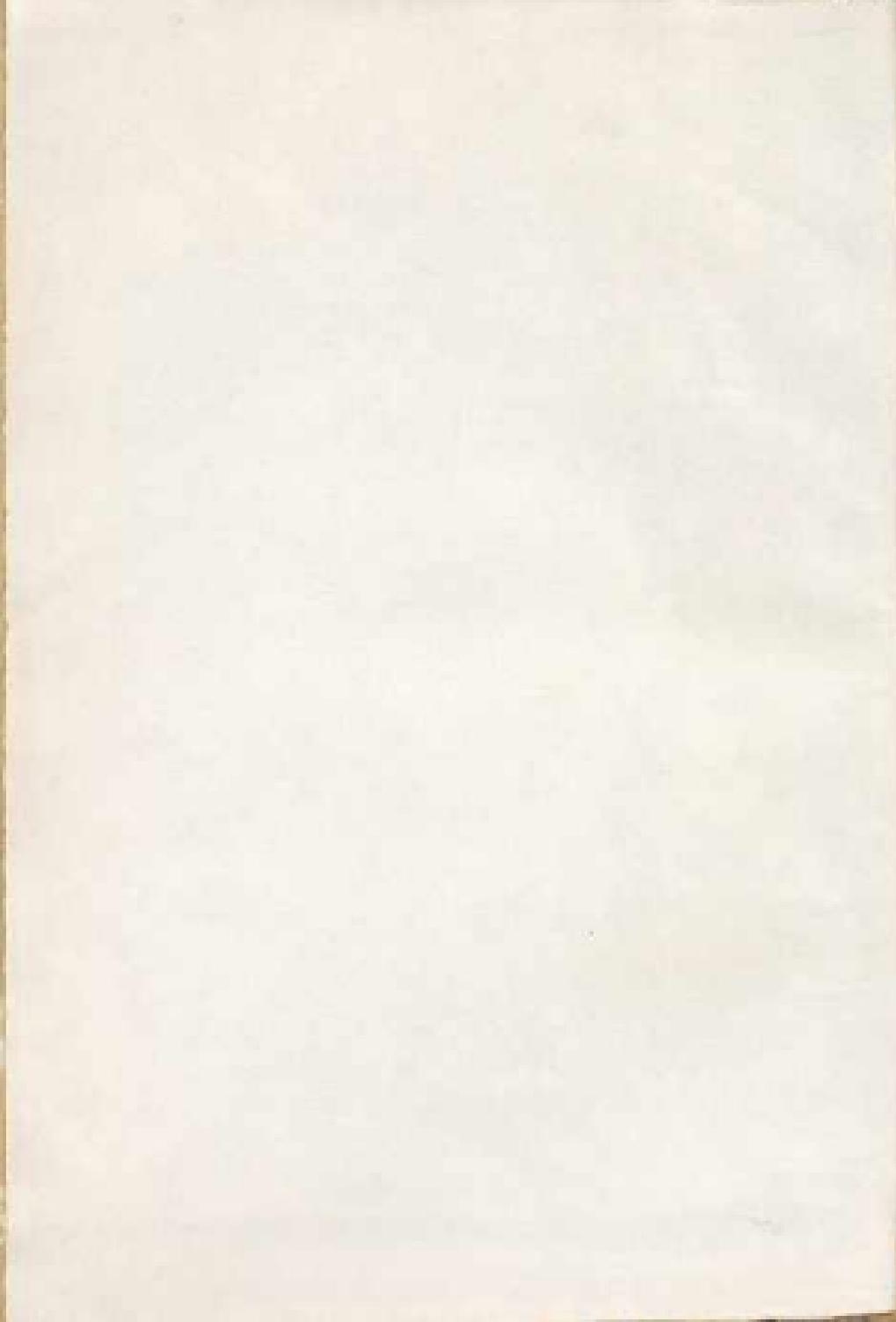
VIII CENT. DA
RECONQUISTA
CRISTÃ DE ÉVORA

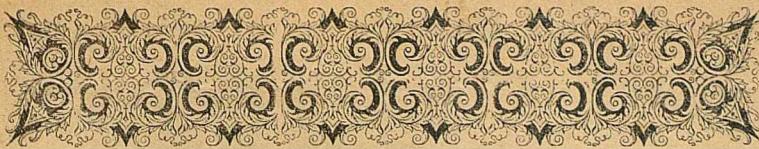
—
EXP. BIBL. E ICON.
B. P. E. — N.º 21

LANEA









O velho e quasi de todo impossibilitado conservador da Bibliotheca de Evora, Antonio Francisco Barata, organisou o *Catalogo do museu archeologico, annexo á Bibliotheca de Evora*, que se imprimiu.

Lê-se na Introducção delle:

«Demanda de varios conhecimentos e de especial estudo a feitura de um catalogo completo, minucioso e erudito de um museu archeologico-epigraphico, como é este de Evora: fallecem-me esses conhecimentos. Assim é que direi á cerca de cada objecto o que poder se souber, sem pretensão alguma de ficar perfeito o meu trabalho, se algum existe que o seja.»

E no fim da Introducção lê-se mais:

«Tal é o pouco de Introducção, que preciso era se dissesse aqui succintamente, sem espriamentos possiveis os tentadores de conhecimentos que não tenho, e, por isso, havidos aos olhos da critica como pretensiosos, por emprestados.»

Depois de tal profissão de fé de ignorancia, caiu-lhe em cima o sr. José Leite de Vasconcellos com uma cousa a que chamára critica, no *Archeologo Portuguez*, e na separata dessa critica, que derramou por todo o mundo. Mal feita cousa depois do que se leu.

Mas, bem ou mal feita a critica, obteve esta replica, *per jocum*. Leia-a quem quizer.



WYATT'S
PAPERS

THE right hon. the earl of PEMBROKE, and the other lords
of委員會, &c. &c. &c. &c. &c. &c. &c. &c.

THE right hon. the earl of PEMBROKE, and the other lords
of委員會, &c. &c. &c. &c. &c. &c. &c. &c.

THE right hon. the earl of PEMBROKE, and the other lords
of委員會, &c. &c. &c. &c. &c. &c. &c. &c.

THE right hon. the earl of PEMBROKE, and the other lords
of委員會, &c. &c. &c. &c. &c. &c. &c. &c.



I

Zuco-o?

De modo nenhum! Seria falta de respeito ao mestre, e pareceria retaliação da falta de caridade e de respeito á velhice. Nada! cá não se usa d'isso.

Zucar 'num sabio que em França, na Russia, em Tokio, em todo o mundo illustrado andou, ha pouco, a defender thezes *De omni scibile!* com aplauso boquiaberto dos sábios todos, que o cobriram de Diplomas de *Doctor in absentia!* De modo nenhum! Respeito aos mestres.

Agradeço, de cocaras para me parecer maior o sr. Leite de Vasconcellos, para me parecer mais alto André de Resende II, o proposito, a intenção de vir em publico e raso conferir-me diplomas de ignorante, de máo discípulo, de obtuso até!

Que falta de caridade!

Que desamor para com um discípulo!

Agradeço-lhe o proporcionar-me ensejo de ter sobre que fallar, sobre que escrever um tanto, aos poucochinhos, para saber bem, 'nesta cidade falta de assumptos. Isto irei fazendo por mostrar ao mestre que ainda não morri aos golpes da edade e aos dos homens: ainda vivo, mercê de Deus, ou do diabo, que parece não ser tão feio, como o pintam.

Como não creio que o mestre queira descer do Olympo para disputar sabedoria com discípulos ignorantes e pedantes, desde já lhe affirmo que se traz tal intenção solapada, para cá vem barrado: não ha cá pão cosido: vá com Deus e elle que o favoreça.

Agradeço-lhe esta pitada de mostarda que me esperta o appetite, se bem que o agradecido deva ser quem tenha em-

penho em que se venda o *Catalogo do muzeu archeologico d'Evora*, para André de Rezende II escrever outro pelos *methodos scientificos*, que só elle conhece bem.

E' um bom *reclamo*, (dá licença?) o seu escripto no *Archeologo* e então na separata, não fallemos!

Se lá chega fóra noticia da sua critica, sabio mestre, es-
tejam certos que dentro em pouco não haverá um unico ex-
emplar!

Mais a mim, mais a mim!

E vamos a isto, ingrato mestre.

Do seu achatado discípulo.

II

Onde estará o gato?

Comecei a primeira *pinguinha*, a primeira resposta a André de Rezende II, devendo chamar-lhe IV; porque assim como temos ahí o quarto ministro da Fazenda de um mesmo ministerio no sr. conselheiro Pequito, o IV André temos no sabio archeologo, visto que elle é o II, elle o III e elle o IV. Delle podem sahir todos os Andrés numeraveis.

Ingrato mestre lhe chamei tambem; porque me adejou na mente um serviço que lhe fizera, annos ha, e de que nem conhecimento haveria, o qual não pede agradecimento, que foi o pedir a um seu contendor litterario-scientifico para que não batesse mais no meu querido mestre, cujas faculdades se me antolhavam doentes, achacadas dos prodromos da incuravel doença, que tem levado muitos homens a gyrgathos, e á morte.

E não era porque eu desejasse vel-o doente, mas porque a illação me saía expontanea de factos indubitaveis.

Que juizo faria o meu omnisciente mestre do de alguem que topasse um dia á frente de tres duzias de rapazes da rua, que arrebanhára a vintem por cabeça, perguntando a

um como dizia elle tal ou tal palavra, como pronunciava outro esta ou aquella, e dos dislates de todos tirasse, por *methodos scientificos*, dados seguros e certos de que aquelles rapazes da rua fallavam um *dialecto desconhecido*, filho da lingua portugueza, e proclamasse aos quatro ventos que o descobriria?

Que juizo faria o meu directo amigo de um homem que lhe affirmasse ter ido de Medina a Meca, de proposito por ver bem se no epitaphio de Maomé havia esta ou aquella letra em vez d'est'outra?

Que conceito de sanidade faria do que instasse com o dono de tres ou quatro pedras cravadas no cucuruto raso de um monticulo, para que gastasse do seu bolsinho de proprietario oitenta ou cem mil réis em mandar erguer um muro de resguardo aos pedregulhos toscos, só porque lhe parecia por isto, e mais por aquillo e mais por aquell'outro, que aquelles restos venerandos, eram o que ficara da Torre da Babilonia? só para que nenhum barbaro profanasse tal reliquia? Não o dava seguro nos eixos do bom senso, com certeza.

Felizmente, que nem o meu redondo mestre estava doente, nem seria capaz de descobrir, nas hypotheses apresentadas para estudo, motivo para suspeitar da integridade intellectual do homem dos rapazes a vinte réis por cabeça, do da caminhada para ver se no tumulo de Mahomed estava gravado um *Kaf* ou um *Quesf* e do que pedia supplicante o tal muro de resguardo aos restos da casa em que viveu Adão, ou sua tataraneta Semiramis, em Babilonia.

E vamos indo.

III

Não apparece o bichano

Já aqui ficaram dois sigalhos de resposta a meu querido mestre, Rezende dos Rezendes, apenas assignados por tres

letras symbolicas, que mil cousas podem significar. Para que ao fundo e profundo mestre em cousas, maiormente nas de epigraphia lapidar romana, não reste duvida sobre qual deva ser a leitura, o desdobramento natural dellas, e para que lhe não succeda, o que, pouco ha, succedera a um querido extinto em Setubal, o dr. Garcia Peres, que embicára com a trindade sybilina, cryptonyma, não tendo podido achar senão *beterrabas* nas letras, direi ao mestre que symbolisam ellas Bonifaciano Tranca Ratos, como estes nomes podem symbolisar o que é do seu verde discípulo, amigo e admirador.

Isto dito, por indispensavel esclarecimento e por afugentar lemures e duendes, irei bordando os meus bocadinhos sobre o motivo o *Catalogo do muzeu de Evora*, que se lhe *atravessou* na garganta como osso, que só se extirpará por meio d'alguma operação cirurgica. (Perdão, se saiu asneira!)

Refiri a *separata* do seu chorudo criterio sobre o meu *Catalogo do muzeu*. Sim senhor! Bem achada cousa! Não bastando a publicação no *Archeologo* para tornar conhecida a sabedoria do meu mestre, fez estampar a cousa em separado, para que, volvidos cem annos, seja procurada como raridade bibliographica de altissimo valor, e para que (aqui é que bate o ponto!) ao catalogo de suas numerosissimas obras scientificas e littterarias se accrescente mais uma. Acho bem.

Acho acertado que o meu illustre mestre avolume o numero de *susas obras*, e lhe junte mais esse bitafe, emparelhando com dois medicos sabedores, extintos, que, dotados de talento e conhecimentos, nenhum delles deixou á posteridade cousa que se veja mais do que listas compridas de titulos de obras, sem obras, como Rodrigues de Gusmão e Pereira Caldas. E sabiam a valer ambos elles! e tinham pulso para obras de mais tomo!

E por fim de contas, pouco mais de nada em tudo a quillo!

Modelos de puro portuguez 'num delles, estendal de ciações bibliographicas no outro. Oh! perdoae-me, velhos amigos e honradores, perdoae-me a irreverencia; já sois da historia, já estaes sujeitos ao juizo della.

Mas, agora reparo!

Quem sou eu para tal pensar, para tal escrever? Um trolha litterario, que nem bem sei carrear material para vastas construccões, um nada que tem tido a vossa monomania de vincular o seu nome a dezenas de titulos de obrinhas, como as vossas, só 'nelles; mas sem a substancia das vossas: menos ainda.

E' que ninguem se conhece! é que ninguem vê a tranca em seu olho para enxergar argueiros nos olhos dos outros!

E como é doloroso para nosso orgulho o ter de confessar já, sem mais delongas, que ninguem nos lerá no futuro, como já foge de nós, como o diabo foge da cruz, bradando: *cá vem o homem das millessimas cousas urgicas!* Ao Lethes, ao Lethes com elles todos, que já lá os espera o Jayme e o Rosalino de nossos dias, e o José Daniel dos de nossos paes.

E vamos indo em procura do gato.

IV

Onde estará o X?

Antes de entrar no labyrinto de letras, e de traços delas, antes de me perder no dedalo intrincado de nomes truncados, que basta ver o acervo para bradar como o outro, que fugia á abbadessa encarquilhada:

Mais mundo que *elle* cá está!

Antes, pois, de começar ás chuçadas ao moinho de vento (acode-me, Cervantes!) lá vae mais um biscate de introducção.

Tremo, como varas verdes, só com a ideia de ter na minha frente um Magrisso diplomado, como é o meu antigo amigo e mestre, que até ao presente ainda não deixou de

sair vencedor de *tutti quanti* se lhe defrontasse na via larga do saber, nos torneios scientificos; tremo com a lembrança de ser eu um velho, que já não posso erguer uma partazana, para com ella vibrar um mandobre erudito de rachar de meio a meio; tremo, emfim, por me defrontar com André de Rezende II, como considero ao meu mestre. Se novo, não teria grande duvida, e o caso seria para o que dissessem dois doutores; mas agora, escorraçado, como velho, dos sabios novos, nascidos, *feitos de sabedoria*, agora, sou como o meu outro amigo e honrador, Camillo Castello Branco, (que saudade!) vejo-me salteado no fim da vida por braços nús cabelludos, que, sem amor, sem caridade nenhuma me cascram dois valentes murros, e me amostram ao mundo, o que eu sempre disse que era: um serventuario de letras, um ignorante! Um diplomado que só o é do *Methodo Castilho!* E vamos lá, que podia ser menos!

Ai! que se eu fôra novo, outro gallo me cantaria, meu caro é precioso mestre! Talvez não tremesse, talvez mesmo estimasse o apparecimento subitaneo, para com a pessoa de meu mestre, (seria um desacato!) eu ter de ajustar antigas contas, sim, de pagar dívidas a certos diplomados, que sempre me procuraram com a vontade, não sei se invejosa se despresadora, sem se dignarem fazel-o com os productos da penna no papel, sem chegarem ao cartel de desafio.

Andei sempre a evital-os e só um me appareceu, a querer refutar certa doutrina minha, (1) sendo eu ainda vigoroso

(1) Escrevera eu um opusculosinho em que pretendi mostrar que não fôra um defeito, e muito menos um êrro o que Fonseca Pinto julgava ver na collisão de *esses* na phrase *jucunda pascens spem*, que o fallecido Santa Clara (Francisco de Paula) empregára na versão que fizera para latim do Episodio da Ilha dos amores de Camões, e demonstrava-o com muitos exemplos de Virgilio. Viu o meu escripto Fonseca Pinto e prometteu-me resposta esmagadora. Não veio ella, e só muitos mezes depois, as provas typographicas do meu opusculo, para eu retocar, e assim entrar no *Instituto* o meu escripto, como entrou, de facto.

so, o qual, arrependido, condoido em breve de mim, depoz a durindana, ao pensar que seria cousa mal feita esborrachar com as grevas ferradas, ou fazer em postas com aquella a um *bicho da terra vil e tão pequeno*, como eu era, e sou.

E quem era, quem foi o generoso? Outro amigo, que já lá me espera, o dr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, esse mestre da lingua portugueza (em que pese aos novos) esse meu honrador tambem, esse generoso extincto. Agora, é o meu mestre o segundo; mas, caso é para exclamar: *tarde piaste!* Agora só contas na mão sem borracha á cinta; agora só repulsão justa dos epithetos de ignorante e de rude, com que o meu mestre approve mimosear-me, como se verá, os quaes, sendo exactos em minha applicação, não são bem cabidos nos labios de mestre André II, porque ignorante e bronco me disse eu sempre e ainda me digo; não são bem cabidos, porque mostram falta de caridade christã e scientifica em arremecer para o futuro, de tal modo, o nome, os creditos de um alguem, como eu, que já sonhava com a apoteose, com a immortalidade do meu nome nos sôpros das bochechas entumecidas da fama, que já me deliciava cuidando que não iria de todo á sepultura! E lá se foi tudo quanto Martha fiou!

Descaroavel mestre!

E vamos indo de vagar á busca do X da critica.

Procurando o X

Descaroavel mestre lhe chamei e de novo lh'o chamo.

Quando eu lhe tivesse saido um mau discípulo, incapaz mesmo de vir a ser bom, mandava a magnanimidade docente do meu amigo e mestre não assoalhar as miserias do seu discípulo, escondel-as até, por credito proprio, por que alguém não podesse dizer que se o discípulo não sabe é porque o mestre o não ensina bem. Mas que? Se a humanidade

é assim, se todos somos os mesmos? Uns ridiculos vaidosos; umas bolhas ou bolas de sabão brilhantes, iriadas, que desapparecem 'num instante, como desapparece a luz da vela ao sôpro de alguem. Desapparece, e sem que saibamos para onde! como vieram sem conhecermos para que, e muito menos sem sabermos porque! Tudo triste!

Mas nada de guerras pelo não sabermos, nada de guerras, de prelios sanguinosos, de disputas. Que importa lá á humanidade utilitaria, por exemplo, que no Alemtejo tivesse havido mais do que um deos local, um Cupido ou um Endovelico authentico, que nos possa curar das sezões alem da morte? Que um cippo mortuario refira a existencia de um Lerdvs, de um Lvpvs ou de um Asinvs, ou nomes semelhantes, como por cá topamos nos pedregulhos?

Tudo bolhas, ou bolas de sabão vasias. E como para um velho, um tanto memorado ainda, tudo isto já são saudades!

Que saudade de um *bolhas* ou *bolas* (vá sem calemburgo para mim e com elle para quem lh'o queira achar) que eu conheci, ouvi e vi *in illo!*

E vá tambem de historia: Era de uma vez um bolhas de um estudante, que vira funcionar a machina pneumatica, e que fôra convidado antes e depois da extracção do ar a erguer-lhe a campanula.

Envergonhado, no fim, de achar resistencia, foi de ver como elle 'num impeto nervoso de força muscular tal empuchão deu na campanula que a escaqueirou, exclamando: *ora bolas!*

Risada geral.

Que o deos figulario me perserve de algum bolhas, que sabendo-me vasio, como a bola de sabão, me queira desfazer, como aquelle á campanula! Só a ideia, só o pensamento, meu caro mestre, de que tal houvesse de me acontecer, me faz já *in mente* exclamar: *ora bolas!*

E tudo isto a proposito de vaidade! De vaidade conge-nita e ingenita que tem levado os homens a fazer tolices de marca, desde que ha mundo, como eu estou fazendo, como o meu mestre está fazendo, como todos podem estar conju-gando o verbo; a correr ás armas por uma virgula contra ou-tra virgula (*risum teneatis!*); a ter o mundo convulso entre um 3 e um 7 dos geometras; a dividir os réis e os povos ca-pitaneados por Ocam e Scot nas guerras dos *quids*; a matar a muitos de uns, e a queimar quatro franciscanos dos outros; a queimar Ramus na outra guerra dos *quisquis* por um so-lecismo, cantando os epinicios o mestre *Torti collis*; a vin-gar com sangue a honra de uma syllaba! a ter de ser quei-mado, finalmente, como aquelle antiquario que affirmava que a côr do cão de Tobias era parda, quando ella era a do bur-ro que foge! Oh! Rectas pronuncias! Oh! Mestres!

Permitta o Deos dos sabios, meu querido mestre, que a nenhum de nós tal aconteça.

Reducir dois sabios a torresmos quando já começavam a engatinhar, seria um requinte de crueldade!

Vade! retro!

E vamos indo.

VI

Agora é que são ellas!

Em quanto deletrei introduçao foi a cousa menos mal, mas agora, que forçado sou a metter-me no tal labyrintho, agora, valha-me o Deos de Abrahão, vale-me tu, meu velho André de Rezende I, accode-me, ó mestre.

Chamei eu ao museu epigraphico da Bibliotheca de Eova o primeiro do paiz, referindo-me ao numero de objectos. Mestre II diz que não é, sendo dos mais importantes. Opiniões que cada qual pode ter *ad libitum*. E fica dito, então.

Passa o meu caro mestre a escrever que sua analyse só recairá sobre *epigraphia romana*, e accrescenta que não irá mais longe por *lhe faltar o tempo*. Faz pena! como dá con-

solação o annuncio de que só cairá a fundo sobre a secção romana! Assim devia ser: Hübner occidental, deve o meu mestre mostrar aos vivos e aos que vieram depois destes, o poder de sua critica fina, de sua perspicacia em recompor inscripções romanas só por lhe ver um tracinho ou outro, vestigios de letras. Cuvier de nova casta, ao meu querido mestre corre-lhe a obrigaçāo pelo *methodo correlativo* de deslindar tudo o que os sarrafaçāes não entenderem. Hemos de ir vendo isso.

Eu escrevi que nas inscripções iam desdobradas as inclusas, por *não as haver fundidas*, e o meu querido mestre nega isso: está no seu direito de negar, como eu no de afirmar, e tanto vale uma como outra affirmação. *Não ha*, repito; só ha a possibilidade de se fundirem, mas não se fundiram, por causa da falta do *in hoc signo vinces*, muito urgente para a salvação da patria e para as lamparinas precisas na recepção de reis.

Creio e sei que ha na Imprensa Nacional typos arabes fundidos; mas nem eu conheço esta lingua, como o meu sabio mestre polyglotta, para poder representar 'nella as inscripções arabigas, nem creio que o fizessem bem; mas somente por *meio de estampas*. Cá estou na minha, e deixe-me estar, que nenhum mal advirá á humanidade, por isso, nenhum... e diga e, pense, e escreva o que quizer; á vontade!

Escrevi que procurei ser *fiel ledor das inscripções quanto o permittiam* os estragos das pedras. E ainda o affirmo; ainda digo que conscienciosamente as li, quanto em mim cabia, quanto o permittiam as ruinas das pedras e a da minha vista mais gasta do que a do meu sabio mestre, já nascido sapiente; porque, força é dizel-o: quando o meu querido começou, já eu engatinhava e já dava alguns passos, já eu lidava havia muito no campo epigraphico, guiado de um mestre, que não valia menos do que o meu querido Rezende II, por um mestre que se chamou Manoel da Cruz Pereira Cou-

tinho, primeiro entre os primeiros (em que tambem pese a quem pesar) tanto na paleographia lapidar como na manuscrita, que ainda não vi, por vida minha, quem lhe lançasse a barra mais longe! Duvida? Pois negue tambem, que facil é o fazel-o, como difficult o proval-o. Pois olhe que tenho conhecido alguns, como o sr. general Brito Rebello, que me espantaram por vezes, ao decifrarem obscuridades, para mim invenciveis. Já tinha, pois a vista cansada. E achei diferenca em minhas leituras das dos que me precederam, sem *affirmar* que fossem melhores do que as delles as minhas.

'Nesta parte da sua critica scientifica, chama-me o meu mestre *inconsciente*, quer dizer: pateta: muito obrigado, e seja pelo divino amor de Deos, esta esmola.

Vae-se botando a mim meu mestre sem dó nem consciencia (perdão; desta, só eu tenho falta.)

'Num periodo campanudo de significações historicas e ethnologicas ralha-me o mestre por falta de methodo (deve ser *o scientifico*) em não agrupar as inscrições arabes, romanas e as demais, fazendo assim uma *mole indigesta, ruide*, de esmagar olhos e espirito do visitante do museu. Ora deixe, mestre, que nem todos pautem seus gostos pelo seu: dê que haja quem goste do *variatio* saboroso (apostava que meu mestre ha de gostar delle, quando se tratar de bons *pétiscos!*...)

Até aqui não topei o X da critica.

VII

Com tão grande cabedal de boa vontade li eu *todas* as inscrições romanas, que nem me atrevo, nem quero vel-as outra vez ás pedras, para verificar o que lá se lê. Assim, pode o meu illustre mestre dizer o que quizer, interpretar como entender, corrigir como mandar o *methodo scientifico*, que eu não me incommodarei com isso. *Não viu bem, não viu isto, poderá ter visto aquillo, etc.* e cousas.

Se eu tivera tempo e disposição de animo, como já tive,

desceria a meudezas curiosas para mostrar ao meu querido mestre que Sua Sabedoria, o seu *ipse dixit* nem sempre me servem. Em materias desta ordem, duvidosas, tanta razão terá o meu mestre para ler de um modo como outrem para ler de outro.

E' provavel que seja engano, escreve. Isto não se pensa, isto não se diz! ou é, ou não é; não ha cá é *provavel*: se não viu as lapides devia Mestre André II, tel-as visto. Pelos modos o sr. Vasconcellos tudo vê sem ver! *Beatus venter!*... Por cá, nem tudo, nem nada.

Lanço os olhos ao que escreve na pag. 5 da separata. Espremo a leitura, quero concretisal-a, e tres vezes noves!...

Só me fica a sabedoria do meu mestre a finalisal-a *talvez não seja folha de hera*. Talvez!

E o meu caro mestre a dar-lhe!

Aqui não ha talvez: é ou não é, repito-lh'o; e não me ralhe, peço-lh'o!

Que má vontade me tem! sabio Padre Mestre André II! Pois nem admitte que eu colloque onde me agradar este ou aquelle pedregulho! Oh! *methodo scientifico*!

Eu não quero chamar a meu mestre um má defuncto para com esse ter de gastar minha cera, não quero; mas dá á gente vontade de a poupar...

Que conceito farão lá por fóra os sabios de meu querido mestre, ao verem e ao pesarem em *statera juxta* os argumentos, sem elles, do meu dilecto amigo?

Talvez não seja! Talvez não seja um sabio, talvez não seja um novo Vinckelmann, dirão os sabios. E que pena que o possam dizer! Evite, meu sabio mestre, semelhante cousa; deixe que o Fontanarose seja eu: mas não se apeie.

Volto folha e defronto-me com a 6.^a. Os mesmos reparos, sobre más leituras, sobre nadadas, sobre erros typographicos quiçá. Aqui diz que *copiei sem entender*. Obrigado, outra vez, meu querido mestre! Posto que eu deixe o *entender*

ao amigo, que é sabio, e que eu só lesse o que podesse, para o meu mestre desdobrar, e completar o mutilado, agrado-cido.

Olhe, mestre, que eu não me propuz entender!

Eu só me propuz ler.

Sabe o meu mestre o que 'neste momento do vertigino-so correr da penna me occorre?

E' o não escrever mais nada, tão enfastiado me sinto com tantos nadas!

Transparece por tudo quanto pensa e escreve, meu mestre, que só leram bem os que leram antes de mim, *ergo*: pateta! Sim, senhor, pateta que metti a fouce na ceara dos sabios, tiro por illação. Sou o sapateiro que toca rabecão; mas lembre, querido André II, que o sapateiro pode achar mal feitas as botas nos personagens dos quadros de Apelles; pode chegar aos calcanhares dos sabios, respeitando-lhes a parte superior. *Ne sutor ultra crepidam.*

Volto pagina e topo outra estopada! Verga-me o espirito! Parece-me que não levo a cabo a leitura. Não tenho paciencia.

Que importa lá que esta letra seja um F. e não um E, que esta seja isto e não seja aquillo, que este lesse assim e aquella assado, que eu visse ou deixasse de ver tal ou tal cousa, que este tivesse melhores olhos do que aquelle, etc., etc!...

Olhe, meu omnisciente mestre, que me sinto, realmente, enojado com tantos nadas!

Não posso mais: tencionando esmerilhar bem tudo isso que disse e escreveu, vou desistir do proposito.

Nada me incomoda que me passe á posteridade como a um *ignorante* e bronco, visto que eu tenho repetido que o sou, e no *catalogo* o escrevi. Ora, se eu o escrevi para que repetil-o o meu amigo, o meu querido mestre?

Como deve perceber, ha um bocadinho a esta parte, eu

estou enfastiado, o meu espirito foge ao mestre, e refuga suas licções. E' falta de respeito? Não, não é.

E' o receio de perder o pouco juizo, que tenho, com taes bugiarias. Fui discorrendo emquanto me não enfastiei, porque andava á busca do gato, a procura do X mysterioso de sua critica.

Encontrando-o apenas mal desenhado, parece-se com mesquinho despeito, por eu não assentir a certas opiniões do meu amigo. Ora dê que nem tudo quanto fôr do meu mestre seja para ser crido. Dê que eu não jure pelo seu *verbo magisteris*.

Não quero mais reler a sua *separata*; não quero mais responder-lhe nem dar pabulo a certos.

Comecei algo quente e arrefeci, com o balde de agua chilra que me despejou na cabeça.

Nada de pugnas por causa de letras: deixemos que so as haja por causa das de *cambio*, das dos judeus.

Ainda farei algumas considerações sobre o meu estimado mestre, sobre suas *obras*, como lhe chama, emquanto eu chamo ás minhas *nugas litterarias*, se me não desamparar um resto de paciencia, que me sinto ter 'neste instante.

Diligenciarei ver se me não falta o valor.

Até amanhã.

VIII

A tempo raciocinei! Abençoados engulhos foram os que me causaram as leituras mais um tanto demoradas dos seus escriptos em *separata*!

Eu, que esperava ter assumpto para deletrear muito tempo com meu mestre André II, eu que tencionava reproduzir em *separata*, como o meu dilecto mestre, as minhas divagações, para as remetter a todas as Academias do mundo, e accrescentar mais um numero ás dezenas das taes minhas *nugas litterarias*, soffri inesperadamente um reviramento, desisti do proposito! Porque? a mim pergunto. Por não

ter que replicar ao meu sabio mestre, ao mestre erudito que argumenta com **eu parece-me, com talvez lá esteja** e com cousas assim. Oh! sabedoria!

Desisti achataidissimo, desfeito aos golpes da tarasca vencedora do meu mestre.

Quero empregar a pouquissima vista que ainda tenho, o pouco vigor de minha vontade, a energia de minhas forças intellectuaes na causa santa de minhas necessidades matariaes, e deixar meu mestre desamoravel a espanejar-se ao sol da gloria, que o levará ao porvir de nossa historia como ao mais feliz monomaniaco, que nascera em Portugal, desde o D. Bibas do nosso *reles* Alexandre Herculano, no seu *Bobo* até... até a mim, nas minhas *obras*.

Quero deixa-lo ser um damninho de nossas Provincias, donde tudo o que lhes daria honra e titulos de venerabilidade, lhes arrebata para Lisboa, enquanto os povos o não extotarem, e lhe não disserem: *Nos quoque Portugaliae sumus*, nós tambem por cá queremos possuir nossas riquezas historicas e archeologicas, nós tambem somos gente, pois que!

Quero deixa-lo esconder tudo em Lisboa, até que um novo 1755 tudo engula com perda nacional (menos ao meu mestre! esse não quero eu engolido!).

Quero deixa-lo passar cartas de incapazes de tudo aos mais homens, como muitos homens lhe teem passado a meu alcandorado mestre, as de homem unico em todo o mundo universo.

Quero que nossos descendentes, se os tivermos, saibam que uns promanam da stirpe gloriosa do meu mestre, e outros da de um micromegas como eu sou; quero que uns repetam, como o meu mestre:

Moi dis je et c'est assez; quero que quando *Hippocrates disser sim que Galleno diga não;* quero que meu mestre seja um Champolion, para eu ser um Barnum; quero finalmente, ser um Gros-jean, para o meu querido mestre não ser um Akakia. Ora aqui tem o que eu quero.

E retiro-me a bastidores sem chegar a achar o gato, a descobrir o X incognito do seu desamor para comigo, para com um seu discípulo humilíssimo.

Quizera que meu sumarento mestre não fosse dos de canna da India nas mãos, e me não arrumasse tamanha lambada, que me deixou atordoado, com descredito seu próprio; quizera ser do feitio que tem para nos podermos entender.

«*Foi pena que pessoa entendida o não revisse* (ao Catalogo) *antes de elle ir para o prelo...*»

E ninguem vê neste disfarce, nesta modestia ao meu querido André de Rezende II!

Que myopia! ninguem vê que é, que será meu mestre quem o reformará convenientemente, ao tal catalogo. Mãoz á obra!

Venha de lá essa edição *ad usum Delphini*, e prepare-se, mestre querido, para ainda ter de apanhar boas zoriadas, que lhe assentará algum outro sabio.

E basta: o museu archeologico, annexo á Bibliotheca de Evora, está a concluir-se de vez: já lá tem o busto em fino marmore' de Cenaculo: faltam-lhe agora as estatuas dos dois Rezendes, André I e André II.

O' patria! não sejas ingrata! Arruma lá um bustosinho ao menos, do meu querido mestre, o sr. J. Leite de Vasconcellos.

E adeusinho, mestre amigo, até ao dia de juizo, em que lhe hei de ainda perguntar se todas as inscripções romanas foram bem lidas por Sua Sabedoria, se nenhum traço ficou por completar?

E salam aleikeme!

A paz seja comvosco!

Tal é o desejo do seu

B. d. R.







